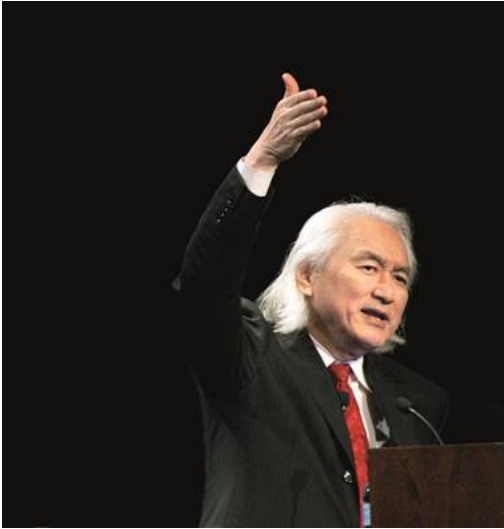


Michio Kaku: 'A Internet é de graça, a sabedoria não'



Um dos mais reputados físicos e futuristas da actualidade, que se formou em Harvard, em 1968, como melhor aluno do curso de Física, esteve em Portugal, onde previu, para dentro de algumas décadas, um mundo de tal forma digital que a internet vai estar nas nossas próprias lentes de contacto. Por isso, garantiu ao SOL (jornal semanário Português), os países que não apostarem na ciência estão condenados à pobreza.

A nossa vida privada vai ser digitalizada. As transacções do cartão de crédito, os restaurantes onde vamos, tudo estará algures na rede

Computadores com a grossura de um papel e descartáveis, uma sessão de cinema caseira em que o filme é o sonho que tivemos na véspera, carros que se conduzem sozinhos e óculos ou lentes de contacto capazes de traduzir, em tempo real, o que pessoas de outra nacionalidade nos dizem. O cenário é digno da saga The Matrix, mas para Michio Kaku - o principal orador da QSP Summit, que decorreu a 12 de Março, na Exponor, em Matosinhos - estes avanços tecnológicos serão apenas uma questão de tempo. O físico que já escreveu vários best-sellers do New York Times tem também divulgado a ciência em talk shows como o The Daily Show de Jon Stewart, o The Late Show de David Letterman e o Tonight Show de Jay Leno.

Numa conferência essencialmente dedicada a marketeers, o norte-americano de 68 anos explicou ainda a sua tese de capitalismo perfeito: o consumidor, sempre online, vai saber tudo sobre os vários produtos e serviços e pagar apenas o preço justo. A digitalização da economia é imparável porque, garante, a História nos diz que «não vale a pena apostar contra a tecnologia».

As suas previsões de futuro não são muito optimistas? Sim e não. Todas as coisas têm um lado mau, mas só tenho 45 minutos e falo mais do bom... [risos]. A maior desvantagem daquilo que prevê é a privacidade. Não é só o capital a ser digitalizado, a nossa vida privada também o vai ser. As transacções do cartão de crédito, os lugares

onde vai jantar e fazer compras estão em algum lugar na rede. Se alguém sem escrúpulos conseguir acesso a isso pode ser um problema, mas é um jogo do gato e do rato. As empresas, por negócio, vão construir muros e firewalls para proteger a nossa segurança, camada a camada. A internet ainda é muito jovem, só foi desclassificada em 1989 e antes disso era uma arma militar secreta. A partir daí tem sido o faroeste. Há poucas leis a regular a internet, não há páginas amarelas, directórios, instruções...

Os cidadãos podem rezear viver numa sociedade controlada, tal como no romance de George Orwell, 1984? É sempre bom conhecermos os parâmetros do que pode acontecer. Li o 1984 antes de escrever os meus livros e apercebi-me de que poderia ter acontecido. A internet foi desclassificada em 1989, mas poderia ter permanecido uma arma militar, nas mãos de um governo. Agora é tarde de mais, é um dado adquirido. Se Obama proibisse a internet amanhã, as pessoas iriam rir-se, porque ela não pode ser banida. As hipóteses de uma sociedade como a de 1984 acontecer são agora muito menores, porque a internet já está no domínio público, disseminando informação e tecnologia. Isso é um sinal de esperança.

Qual será o papel dos media na sociedade do futuro? Será possível retirar lucros da presença num meio maioritariamente gratuito como a internet? O problema não é as pessoas não quererem notícias, mas sim o modelo de negócio. Os jornais baseiam-se em anúncios, que geram receita para as notícias. Isso não é um plano de negócios sustentável, os jornais têm de encontrar novas maneiras de gerar dinheiro. Acho que as vão encontrar, mas neste momento não são competitivos porque não tiveram em consideração a internet.

Alguns analistas acreditam numa nova idade de ouro para os media, porque se trata de uma indústria que pode cortar 40 ou 50 por cento dos custos de produção com a passagem para o digital. Chegaremos a um ponto em que não existirá um jornal para todos, mas muitos pequenos jornais. Os media vão safar-se bem, teremos mais meios, publicidade e actividade devido à internet, mas será de um tipo diferente. Os grandes jornais têm de oferecer algo que a internet não proporciona, que é sabedoria. A internet é de graça, a sabedoria não.

Os media vão manter o papel de dizer ao público o que é verdadeiramente importante? Como se fossem um sinaleiro? A internet está cheia de pessoas a gritar, que não têm qualquer relevância mas fazem muito barulho e causam confusão. As pessoas habituaram-se a isso, mas acabarão por ficar cansadas e quererão algo de maior confiança, profundo, que não desapareça na espuma dos dias. É aí que a sabedoria entra em campo. Por exemplo, tenho uma subscrição digital do New York Times, porque, depois de ler todo o lixo que anda na internet, quero saber o que acham os opinion makers. Haverá mercado, mas os jornais como existem actualmente vão ter de se redimensionar.

Outro norte-americano com raízes japonesas, Francis Fukuyama, previu no início dos anos 1990 o fim da História, porque não haveria alternativa ao modelo das

democracias liberais de mercado. Não propõe algo do gênero, com igual risco de falhar nessa previsão? Penso que não, porque não estamos a falar do colapso do que quer seja, mas sim do fim do velho sistema e do começo de um novo, mais perfeito. Este excesso de comunicação e hiperconectividade significa um conhecimento perfeito do que estamos a comprar. Do ponto de vista do mercado, quererá dizer que a procura e a oferta serão perfeitas. Deixarão de existir depressões e recessões? Não, porque não se pode legislar o comportamento humano e as pessoas tornam-se gananciosas. O produtor saberá exactamente o que o consumidor quer, o consumidor saberá exactamente o que quer e quanto custa. Isso é capitalismo perfeito, mas há vencedores e perdedores.

Os intermediários ficam com o seu papel esvaziado. Terão de mudar ou ficarão falidos. Por exemplo, os corretores já não vendem acções, o que pode parecer estúpido mas é verdade. O que eles vendem é capital intelectual, essa será a moeda do futuro, em vez do capital das mercadorias. Por exemplo, esta manhã você teve um pequeno-almoço que o rei de Inglaterra não poderia ter tido há 100 anos. Por quê? Uma melhor contentorização e transporte e a produção em massa reduziram o preço da comida. Os preços estão muito baixos comparados com os de há 150 anos.

Uma das suas teorias mais conhecidas tem a ver com a evolução da Humanidade de uma civilização de tipo zero para tipo um, capaz de controlar todos os recursos de um planeta e até alterar a meteorologia. Estamos mesmo nesse caminho? Sempre que abro o jornal vejo as dores de parto de uma civilização de tipo um, planetária progressiva, multicultural, científica e próspera. No entanto, há pessoas que instintivamente odeiam essa ideia, embora não a consigam compreender e não saibam nada sobre física. Essas pessoas são os terroristas, que querem um estado fundamentalista intrinsecamente pobre, sectário, não democrático e não científico. As mudanças climáticas são outro obstáculo.

Em Portugal e em vários países da Europa tem-se assistido a cortes nos orçamentos para a ciência. Que consequências prevê? Por vezes os orçamentos têm de ser cortados se são excessivos ou despesistas, mas a forma como se corta é muito importante. Não se corta nas sementes, porque sem elas não se poderá plantar no próximo ano e basicamente estaremos a suicidar-nos. Qual é a semente da economia? A ciência! De onde vem a riqueza? Da ciência! Quem não sabe isso? Os políticos, porque são antigos advogados e a lei é uma regra de resultado zero. Processamos alguém para lhe tirar o dinheiro e passá-lo a outra pessoa, é essa a essência da lei.

E qual é a essência da ciência? Nós, os físicos, acreditamos em criar indústrias do nada, um bolo maior. Olhe para o transístor ou para o laser: grande parte da economia do mundo depende da física quântica. Os países que cortam o orçamento para a ciência são livres de o fazer mas também são livres de ser pobres.

Já escreveu vários best-sellers. Isso significa que o público, afinal de contas, se

interessa pela ciência quando esta é apresentada de forma apelativa? Quando era jovem, diziam-me que a ciência não vendia, mas na altura só havia três canais de televisão nos Estados Unidos. Agora há 500 canais no cabo e podemos verificar os números. Em qualquer noite, o número de pessoas que vêem programas de ciência é pequeno mas é de cerca de um milhão de pessoas. Isso é comparável à audiência dos Kardashians ou das estrelas de Hollywood a fazer pouco delas próprias. Há um mercado se as coisas forem bem-feitas.